

Pela ponte do improvviso

Carlos Malta, Jean-Luc Thomas e Bernardo Aguiar resgatam o diálogo entre pífanos brasileiros e flauta bretã em 'Sopro da Terra'

AFFONSO NUNES

Doze anos atrás, o primeiro encontro entre o pífano de Carlos Malta, a flauta bretã de Jean-Luc Thomas e o pandeiro de Bernardo Aguiar rendeu uma turnê pelo Brasil. Neste sábado (17), o trio se reencontra no show "Sopro da Terra", em apresentação única na Acaso Cultural, em Botafogo.

O projeto aproxima dois territórios separados pelo Atlântico e unidos por tradições ligadas à cultura popular, à dança e à oralidade. De um lado, pífanos, frevos, baiões e a percussão brasileira. Do outro, as flautas e danças tradicionais da Bretanha, região do noroeste da França que preserva identidade cultural própria. O projeto, no entanto, não se limita a esses dois repertórios. Flautas, pífanos e pandeiros convivem com elementos eletrônicos, abrindo caminhos sonoros para a improvisação.

Conhecido como "Escultor do Vento", Carlos Malta construiu em mais de quatro décadas uma das trajetórias centrais da música instrumental brasileira explorando as possibilidades sonoras do sopro. Em 1981, entrou



Malta, Thomas e Aguiar unem sonoridades distintos pelas teias do improvviso

no grupo de Hermeto Pascoal, com quem ficou 12 anos e gravou cinco álbuns. Depois, saxofones, flautas e pífanos o levaram a Gilberto Gil, Lenine, Guinga, Bobby McFerrin e Snarky Puppy. É o criador do Pife Moderno, grupo que chega aos 30 anos transformando o pífano em matéria de experimentação.

A partir das raízes bretãs, Thomas estabeleceu diálogos com o jazz e a música contemporânea, com experiências no Brasil, em Mali, no Níger e na Índia — e é a improvisação que ergue a ponte entre esses territórios tão distintos.

Entre eles está Bernardo Aguiar representa a geração que ampliou o lugar da percussão

brasileira na música instrumental. Aos 13 anos, já era solista da orquestra de pandeiros Pandemonium. Fundador do Pandeiro Repique Duo, levou o instrumento ao Carnegie Hall, tocou com Yamandú Costa e Jacob Collier e leciona na Juilliard School e na Berklee Valencia. No trio, o pandeiro é a terceira voz.

O reencontro coincide com outro marco: os 30 anos do Pife Moderno.

SERVIÇO

SOPRO DA TERRA

Acaso Cultural (Rua Vicente de Sousa, 16 — Botafogo)
17/10, às 20h
Ingressos entre R\$ 66 e R\$ 198

Respirando a delicadeza de Paulinho

Sambas e choros de Paulinho da Viola ressurgem ainda mais belos no encontro de Crstóvão Bastos e Mauro Senise

Cristóvão Bastos e Mauro Senise apresentam nesta sexta (16), no Manouche, o show "Choro Negro: Cristóvão Bastos e Mauro Senise tocam Paulinho da Viola" em que o pianista e o flautista revisitam o repertório do álbum "Choro Negro", lançado pela dupla e indicado ao Grammy Latino.

Esta formação instrumental enxuta sublinha a riqueza do universo melódico de Paulinho. Piano e sopros sustentam ritmo, harmonia, contraponto e improvisação, iluminando detalhes delicados que os

sambas e choros de Paulinho evocam.

Paulinho da Viola ocupa lugar singular na música brasileira por uma obra que articula samba, choro e a tradição da Portela. Com essa chave, os dois instrumentistas abrem portas.

Cristóvão construiu trajetória ligada ao piano, ao arranjo e à composição, em diálogo com a canção brasileira e o choro. Senise é reconhecido pelos saxofones e pela flauta, presentes em discos e palcos de várias artistas. No duo, os percursos

se encontram em formação camerística na qual o piano assume a pulsação ou desenha harmonias abertas; os sopros respondem com melodia e comentários de frases que nos remetem às letras dessas canções. (A. N.)

SERVIÇO

CHORO NEGRO: CRISTÓVÃO BASTOS E MAURO SENISE TOCAM PAULINHO DA VIOLA

Manouche (Casa Camolese - Rua Jardim Botânico, 983)
16/10, às 21h
Ingressos: R\$ 180 e R\$ 90 (meia e ingresso solidário, mediante doação de 1kg de alimento não-percível ou livro) e R\$ 180. Informações e vendas pela programação do Manouche.



Cristóvão Bastos e Mauro Senise exploram caminhos de rara beleza no repertório de Paulinho